

---

## Resenha

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. Coleção Primeiros Passos. 131p.

Adan Renê Pereira da Silva<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-5944>

**Tramitação:**

Recebido em: 18/06/2020

Aprovado em: 01/11/2022

112

A proposta de realizar a resenha desta obra parte de uma reflexão central: por estar o leitor que aqui escreve imerso no universo das festas amazônicas, é necessário pensar concepções que norteiam o “fazer arte”. Na busca por referenciais, deparei-me com esta obra – de caráter propedêutico, mas longe do superficial. Lê-la levou-me a questionamentos e problematizações.

Jorge Coli é o autor. Formado em *Histoire de lart et archéologie - Université de Provence* (1973), tem mestrado em *Histoire de lart - Université de Provence* (1974), doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1990), Livre-Docência e Titulação em História da Arte e da Cultura pela Unicamp. Pós-doutor e professor titular da Universidade Estadual de Campinas. O livro divide-se em Introdução, seis capítulos e Conclusão.

A Introdução consiste em desnaturalizar situações que giram em torno da arte, pensando a busca por um conceito. Não há unanimidade em torno do que ela seja. Por outro lado, não há celeuma em se apontar “obras de arte”. Nota-se que a arte fala com o ser humano por meio de situações que causam admiração. Mesmo havendo certo consenso em torno delas, também existem limites bem claros. Definir algo como arte ou não tem a marca da cultura.

Refletir sobre como se instaura a arte e os modos de discurso organizado em torno dela é o objetivo do primeiro capítulo. No arremate da ideia de que a arte desenvolve-se por meio da cultura e de que os juízos de valor em torno da arte produzem hierarquias entre elas, consegue-se apreender parte da complexidade dos discursos que constroem o estatuto artístico. Muito comum é recorrer à autoridade, processo que também apresenta contradições

---

<sup>1</sup>Psicólogo. Doutor em Educação pelo PPGE/UFAM. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: adansilva.1@hotmail.com





e não é tão firme como se supõe. Como se gesta o rigor na produção do que se considera arte é reflexão do próximo capítulo.

Coli nos conta da tentativa de aproximação dos discursos sobre a arte com o rigor científico, para uma pretensa objetividade. O primeiro recurso foi a das classificações estilísticas. O estilo estava atrelado à constância formal empregada pelos artistas com frequência, de tal forma que, se conhecemos o estilo de um autor, identificamos com facilidade a produção dele. Entretanto, não existe uma pureza formal. As obras escapam das classificações, porquanto elas não são da lógica e sim da história, dos tempos que percorreram.

Há como que uma arte para as pessoas, explanada no capítulo “Arte para nós”. Apesar de muitas vezes o objeto parecer ter “arte em si mesmo”, somos nós os criadores do “em si”. Elemento que também interfere em nomear como arte algo é o que Umberto Eco chama de “ruído” (uma interferência que perturba o contato com o objeto). Se a obra envia mensagens, o tempo, as distâncias entre culturas interferem em nossa compreensão dessa mensagem, sendo certas situações artísticas irrepetíveis. Ou seja, existe mesmo é um “Nós e arte”, desenvolvido no próximo capítulo. Em Mário de Andrade, Coli vê uma interessante reflexão: apesar de a arte não ser um elemento vital, ela faz parte da vida. Para uns, supérflua, para a nossa cultura, “pura gratuidade” (quando um objeto não tem mais utilidade, torna-se supérfluo, logo, gratuito), a arte também adquire o estatuto de distinção (valorização social da elite).

Entretanto, Coli não subsume a arte a isso. Estes efeitos seriam uma caricatura de um sentido mais profundo que a arte possui: “instrumento de prazer de riqueza inesgotável” (p. 104). Neste instrumento, estão imbrincadas razão e emoção. O usufruto da arte não é imediato, nem espontâneo, é oriundo de um esforço diante da cultura. A frequência, título do outro capítulo, é a insistência no diálogo com uma obra, no aprofundamento do contato com ela, de modo a enriquecê-la. Se a arte escapa ao domínio do lógico, do científico, é mais adequado mudar o foco da pergunta “o que é arte?” para “como nos aproximamos dela?”. É por meio da frequência que dialogamos com o artista de uma forma particular que só acontece naquele contexto. A arte nos irmana. O que dificulta a frequência é que nem todos possuem as mesmas condições materiais de acesso à arte, o que se agrava em um país de desigualdades como o Brasil. O sistema de ensino que possuímos volta-se para um tecnicismo



que desestimula a frequência. O contato precisa ser direto, sendo necessário exigir os *meios* da frequência.

Nas conclusões, o autor expõe amplitudes e limitações que deu ao termo “arte”. Ele o usa no sentido de “obra de arte” ou “objeto artístico”, não em um sentido teórico, nem biográfico, remetendo reflexões filosóficas sobre Arte aos tratados de estética. De modo geral, os comentários que podemos tecer sobre a obra são elogiosos. Ser um “livrinho” – como Coli nomeia – introdutório não significa artificialidade. Causa ânimo a escrita em tom de convite, a leitura fluida, compreensível. Uma única sugestão seria a de que o adendo que Coli faz ao término do livro viesse no começo (o que ele não vai falar e o que ele falou), de modo que o leitor tivesse uma visão clara acerca do que lerá.

